



# ESTELLA UMA LOBA AGUERRIDA:

Processo criativo em dança, gira  
de saberes e resistência negra

**ANDRÉIA OLIVEIRA ARAÚJO DA SILVA**

Mestra em Dança pelo Programa de Pós-Graduação  
em Dança da Universidade Federal da Bahia.

Especialização em Dança (PPGDANÇA/ UFBA  
/ 2012). Licenciatura em Dança (UFBA/ 2011).

Dançarina, Pesquisadora, Mediadora Educacional  
e Artista Multimídia. Integra o quilombo artístico

LIGAdoCORPO. [capaopati@hotmail.com](mailto:capaopati@hotmail.com)

## RESUMO

Estella Menina Djanirah se configura enquanto uma dança-revolta-denúncia que compreende o processo de criação como uma prática política, capaz de possibilitar a descolonização de saberes na elaboração artística-científica, uma dança orientada pela proposta metodológica o “Jogo da Construção Poética”. Estella é uma encruzilhada de afetos das memórias de infância, da relação com outros corpos e sensações que se atravessaram durante as vivências em Encarnação de Salinas, Bahia, município de Salinas das Margaridas, localizado no sul do recôncavo baiano. Um processo de criação que caminha no sentido inverso ao pensamento da hegemonia dominante branca, a fim de torcer a percepção de mundo europocêntrica e epistemicida difundida pela academia. Convoquei escritoras instigadas na construção de outras narrativas sobre o corpo negro, na valorização da cultura africana-brasileira e ameríndia. Como a gira é uma palavra que propõe movimento, mudança, transformação, encarne, minha intenção é atribuí-la à quebra do paradigma da/ na construção de conhecimento.

## PALAVRAS-CHAVE:

Dança.

Processo criativo.

Gira de saberes.

Jogo da construção poética.

## RESUMEN

*Estella Menina Djanirah se configura como una danza-revuelta-denuncia que comprende el proceso de creación como una práctica política, capaz de posibilitar la descolonización de saberes en la elaboración artística-científica, una danza orientada por la propuesta metodológica el “Juego de la Construcción Poética”. Estella es una encrucijada de afectos de las memorias de infancia, de la relación con otros cuerpos y sensaciones que se atravesaron durante las vivencias en Encarnación de Salinas, Bahía, municipio de Salinas de las Margaridas, ubicado en el sur del recôncavo baiano. Un proceso de creación que camina en el sentido inverso al pensamiento de la hegemonía dominante blanca, a fin de torcer la percepción de mundo europocéntrico y epistemicida difundida por la academia. Convoque a escritoras instigadas en la construcción de otras narrativas sobre el cuerpo negro, en la valorización de la cultura africana-brasileña y amerindia. Como la gira es una palabra que propone movimiento, cambio, transformación, encarne, mi intención es atribuirle a la ruptura del paradigma de la construcción de conocimiento.*

## PALABRAS CLAVE:

*Danza.*

*Proceso creativo.*

*Gira de saberes.*

*Jogo da construção poética.*



# VIVÊNCIAS, ATRAVESSAMENTOS E CRIAÇÕES EM MOVIMENTO ESPIRALAR

*“Os/as mais antigos/as nos contam que quando Oxalá, orixá que representa o ar, veio a esse mundo, criou os seres humanos, e para cada ser humano criou uma árvore. As árvores carregam o princípio da ancestralidade, representam, portanto, os ancestrais e são elas que estabelecem a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza”.*

(LUZ, 2011, p. 3).

Num dia de sol, maré-cheia e ventos tranquilos me senti convocada a escavar as memórias que vertem da lama-ventre dos manguezais de Encarnação de Salinas, Bahia. Eu, que desde infante navego por aquelas marés de emoções, encontrei na lida da mulher marisqueira inspiração para coreografar e teorizar um processo de criação em Dança. A partir de inquietações que afetam meu corpo e atravessam outros corpos de mulheres negras, sigo a articular conversas e conflitos sobre a descolonização de saberes. Adoto a expressão “escrevivência”, da autora Conceição Evaristo, permitindo uma escrita negra,



poética e revolucionária, capaz de “incomodar os sonhos injustos dos da Casa Grande”. Costuro reflexões descolonizantes com a socióloga Sílvia Rivera Cusicanqui (2010), na percepção de meu próprio corpo como a encruzilhada (MARTINS, 1997) de afetações. Em aflições junto ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa Corpo e Ancestralidade, fundado em 2002 na UNICAMP pela professora Inaicyrá Falcão dos Santos, pesquisadora que alicerça a discussão artística no campo da cultura, da educação e das artes direcionada pela proposta Corpo e Ancestralidade. Atualmente a liderança do grupo é partilhada com a Profa. Lara Rodrigues Machado, idealizadora da proposta metodológica em Dança, o *Jogo da Construção Poética*, a qual propõe que “o corpo se projeta como eixo central, investigando a si mesmo para perpassar pelos corpos no campo de pesquisa e, enfim, retornar para o intérprete em cena”. (MACHADO, 2017, p. 81).

Alicerçada por essa linhagem de artistas e teóricas da Dança, desenvolvi um processo de criação em Dança vinculado ao Programa de Pós-Graduação em DANÇA da Universidade Federal da Bahia, obra artística que tem nome de gente. Danço e investigo, danço e manifesto, imprimindo as marcas do meu caminhar. A dança-escrita-denúncia do processo de criação de Estella se



**FIGURA 1**  
ESTELLA em sua aparição no 24º Festival Internacional de Danza en Paisajes Urbanos. *Havana vieja ciudad en movimiento*, Havana - Cuba, Abril de 2019. Acervo da artista.



constrói (processo contínuo e inacabado) na relação com outros corpos durante as vivências da pesquisa de campo, um dos eixos sugeridos pela proposta metodológica que orienta este estudo, o Jogo da Construção Poética. No entanto, os eixos norteadores foram ganhando outras dimensões, e se agigantaram em idas e vindas entre o mangue, dos laboratórios de criação com outras intérpretes, dos estudos de vídeo, as visitas a casas de terreiro que de alguma maneira se conectam ao contexto, a minha história de vida, a voz-sabedoria de outras protagonistas que afetavam meu corpo encruzilhada, das discussões sobre as leituras, participação em eventos, e a elaboração teórico-política. Estella foi se tecendo “do peixe ligeiro, das plantas bêbadas dançando na beira, desse agito miúdo de que se fazem as ondas” (NATÁLIA, 2017, p. 55), e do *gesto precioso de descolonizar*.

---

## A GIRA DE SABERES

---

A gira de saberes que apresento propõe a arte a partir da vida, portanto, essa investigação tem olhos, boca, nariz, tem SANGUE!, enCARNA estados corporais da maricultura salinense numa coreografia revolucionária, a qual reverencia práticas, princípios e valores da cultura afro-brasileira que se instaura nesse contexto. Diz respeito à ideia de perceber o mundo a partir do referencial da cultura negra. Como a gira é uma palavra que propõe movimento, mudança, minha intenção é atribuí-la à quebra do paradigma da construção de conhecimento. Enfatizo que re-proponho uma escrita que evidencie o uso do feminino, nesse sentido, gira foi providencial. Além de ser um nome comumente utilizado nas comunidades terreiros, para aludir ao corpo manifestado.

Me questionava sobre a maneira como as molduras acadêmicas se distanciavam do fazer artístico que desenvolvo. A cada imersão, o cenário criativo da comunidade de Encarnação de Salinas revelava, em seu cotidiano, práticas descolonizadas de Dançar a vida, regida pela natureza, pela força das marés, das luas e do mangue. O que considero uma prática social contra-hegemônica, por, de certa forma, renunciar a rotina urbana da capital baiana e seus modos de viver diante dos sistemas dominantes que automatizam o corpo, interferindo na relação natureza X humanidade, além da forte influência midiática que atribui a existência ao consumismo capitalista.



**FIGURA 2** alvorada do carnaval de Encarnaç3o de Salinas 2017. Fotografia da autora.



A est3tica dos corpos em seu cotidiano marinho e urbano mostrava uma configuraç3o capaz de me conduzir a tempos remotos. Em contraponto, identificava que meu corpo urbanizado tinha perdido algo em seu gestual. Busco ent3o esse gesto genu3no, que considero vest3gios de uma identidade ancestral. Essa Dança-manifesto foi se configurando como pr3tica descolonizante n3o somente pela cr3tica ao cientificismo da arte, como tamb3m por dar lugar a uma *auto-poiesis* de uma mulher negra perif3rica que, em conflito com sua identidade se enlaça a outros corpos de mulheres negras revolucion3rias, as marisqueiras de Encarnaç3o. Construí escrituras que emanam do meu lugar de fala, dando direito a minha pr3pria voz de suscitar provocaç3es, inquietudes e poesias como movimento de revolta diante das molduras acad3micas, que por sinal se distanciam do fazer art3stico em que acredito, e s3o resqu3cios do pensamento eurocentrista na atualidade. Nesse tr3nsito entre imagens do passado, afetaç3es do presente e percepç3es para o futuro, Estella dança como com facas em punho, peles que servem de couraças e p3s derretidos em lama. Apresenta uma estruturaç3o de corpo que 3 a pr3pria rever3ncia às M3es Ancestrais. Protagoniza a construç3o de conhecimento, evidenciando a sua hist3ria de vida que e se enlaça a problem3ticas existenciais de mulheres negras e perif3ricas.

A preciosidade dessa construç3o art3stica est3, em parte, nessa liberdade de relacionar-se com o mundo, com o universo das pesquisas art3sticas e com



pessoas e propostas distintas, que vai além da estrutura e planejamentos de um determinado espetáculo. (MACHADO, 2017, p. 172).



Assim, Estella promove uma gira de saberes no processo de pesquisa e criação, por mover a perspectiva do “olhar” e abrir-se a outras maneiras de perceber o mundo. Afetada, em rebuliço, em festa durante as imersões em campo, encontrava os caminhos criativos de Estella e transformava minha percepção crítica no contato cinestésico com as GENTES que me atravessaram/atravessam. Imersa em campo, vivenciando aquele ambiente, tive a compreensão plena dos valores inerentes ao trabalho manual, artesanal.

As proposições de práticas descolonizadas propostas por Cusicanqui de falar sobre o mundo a partir de nós fazem todo sentido. “La posibilidad de una reforma cultural profunda en nuestra sociedad depende de la descolonización de nuestros gestos, de nuestros actos, y de la lengua con que nombramos el mundo.” (RIVERA , 2010, p.70). Posso dizer que foram muitas marés que vivenciei-mergulhei-dancei. E trago, como rasura epistêmica, estética e ética, a escritura afro-poética de uma Dança Afirmativa, comprometida com os princípios civilizadores africano-brasileiros na elaboração de conhecimento, tecida por fragmentos de contos, memórias e sensações que compõem uma arte viva. Inspirada na lida-luta das mulheres marisqueiras, Estella está alicerçada na intelectualidade feminina negra, na ginga da capoeira e nas revoluções populares de resistência. A Dança da Menina Djanirah é um manifesto de revolta a expurgar as dores dos feminicídios, genocídio da juventude negra, do racismo epistêmico, das desigualdades sociais, dos corpos invisíveis e subalternizados pelo colonialismo patriarcal. Permite deixar vir à tona um corpo cultural, contextual, que valoriza as suas raízes culturais, que se reinventa no fazer cotidiano da comunidade ritualizada no ir e vir da vida. As marisqueiras, os pescadores, os carregadores, as crianças, a vivência nos viveiros, toda essa complexidade de relações formam a cultura encarnada de Encarnação. Esse corpo enCARNE me levou a reflexão de que corporeidade seria/é uma maneira de confrontar com padrões do sistema capitalista, maneira de se opor aos regimes das cidades cosmopolitas, a recriação do viver como maneira de confortar o colonialismo, potencializar a própria voz e o fazer artesanal. EnCARNE enquanto verbo, se apresenta como um estado corporal conceitual de trânsito, de movência, de fluidez e continuidade. Nesse mergulho sobre minha história e os atravessamentos durante as pesquisas de campo, percebi uma questão emergente da investigação: por que descolonizar o corpo?



# MULHERES-MANGUE



*“Elas saem bem cedo  
Muito antes do sol raiar  
Às vezes sem um café  
Começam a caminhar  
Entregues à própria sorte  
Pois precisam mariscar”.*

(Ademir Cruz. *Mulheres Guerreiras*).

O processo de criação de Estella pretende visibilizar e dar eco à produção de saberes de mulheres negras. Sábias senhoras que carregam em suas cabeças cestos enormes de mariscos que parecem simular o peso do mundo. Pescadoras artesanais que encontram em sua lida a força de resistir e reinventar seus valores, potencialidades criadoras na elaboração coreográfica de uma Dança-manifesto.

É o conceito ocidental sexista/ racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com uma supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. (Hooks, 1995, p. 459).

A cada imersão, o cenário criativo de Encarnação de Salinas revelava em seu cotidiano o que considero práticas descolonizantes de dançar a vida, regida pela natureza, pela força das marés, das luas, e do mangue. O que considero uma prática social contra-hegemônica, por de certa forma renunciar a rotina urbana da capital baiana e seus modos de viver, diante dos sistemas





CAD.  
GIPE  
CIT  
Salvador  
ano 23  
n 42  
p 64-74  
2019.1



7  
2

**FIGURA 3**

ESTELLA em sua  
aparição no 24º Festival  
Internacional de Danza  
en Paisajes Urbanos  
*Havana vieja ciudad  
en movimiento*, Havana  
- Cuba, Abril de 2019.  
Acervo da artista.



dominantes que automatizam o corpo, interferindo na relação natureza x humanidade, além da forte influência midiática que atribui a existência ao consumismo capitalista. A gestualidade dos corpos em seu cotidiano marinho e urbano mostrava uma configuração capaz de me conduzir a tempos remotos; em contraponto, identificava que meu corpo urbanizado tinha perdido algo em seu gestual, o gesto genuíno, que considero vestígios de uma identidade ancestral.

A potência da comunidade em se reinventar com o passar dos anos, sem perder suas raízes culturais, é indicadora do processo de criação da personagem Estella. Os corpos das mulheres marisqueiras, sua lida, sua força de resistência e re-existência me convocam por sua gestualidade revolucionária. Mulheres guerreiras, donas de suas vidas, vivem negando os padrões de vida impostos pelo capitalismo, se permitem a ser guiadas pela natureza e produzir saberes artesanais.

O empoderamento feminino das marisqueiras, a capacidade de reinventar dos pescadores a cada maré, a coragem voraz para o enfrentamento com os poderes hegemônicos, ortodoxos e normativos a que toda a sociedade está submetida, o transver do mundo que a comunidade vive, constroem a lógica de pensamento local, seguindo o fluxo das marés, das luas, dos ventos, e não somente o relógio cartesiano.

As mulheres, os pescadores, os carregadores, as crianças, a vivência nos viveiros, no espaço urbano, toda essa complexidade de relações formam a cultura encarnada de Encarnação. A formulação desse estado-conceito-encarne não pretende fixar as impressões sobre o campo de pesquisa, ao contrário, organiza a ideia em uma palavra com o intuito de convidar as sensações, os argumentos, as afetações vividas em pesquisa de campo para Dançar. Nesse processo de criação em Dança, nomear o estado de corpo acionado pela coreografia ESTELLA aparece como tentativa de transitar, se colocar em conversa com o campo no processo espiralar da pesquisa.



**FIGURA 4**  
ESTELLA em sua  
aparição no 24º Festival  
Internacional de Danza  
en Paisajes Urbanos  
*Havana vieja ciudad  
en movimiento*, Havana  
- Cuba, Abril de 2019.  
Acervo da artista.



## REFERÊNCIAS



- » CRUZ, Ademir. **Mulheres Guerreiras**. Poema cedido gentilmente pelo autor.
- » HOOKS, B. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 454 - 478, 1995.
- » LUZ, Narcimária. Artigo: **No tempo em que os seres humanos conversavam com as árvores**. Disponível em: <[https://issuu.com/heitorrodrigues7/docs/livro\\_africanidades\\_brasileiras\\_edu](https://issuu.com/heitorrodrigues7/docs/livro_africanidades_brasileiras_edu)>. Acesso em: 21 jan. 2017.
- » MACHADO, Lara Rodrigues. **Danças no Jogo da Construção Poética**. Organizadora: Sara Maria de Andrade - Natal: Jovens Escribas, 2017. 188 f.
- » MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. Editora: Perspectiva, 1997.
- » NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito Encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- » NATÁLIA, Lívia. **Sobejos do mar**. 1.ed. - Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017.
- » RIVERA, Silvia Cusicanqui. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores** - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- » SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança arte e educação**. São Paulo: Editora Terceira Margem, 2006.
- » Doc-Dança: ESTELLA, encruzilhada de afetos. Link: <https://vimeo.com/262349203>